

## APRISIONADAS: O ENCARCERAMENTO SIMBÓLICO DAS MULHERES REPRESENTADO NA WEB SÉRIE

### ORANGE IS THE NEW BLACK

Júlia dos Anjos Costa

*Resumo:* Nascidas em uma sociedade dominada pelo falocentrismo, as mulheres vivem diariamente o desafio de resistir às mais variadas formas de opressão. Na trajetória audiovisual das séries, já foram representados por diversas vezes os desafios enfrentados pelas mulheres dentro dessa estrutura social opressora, que opera incessantemente pela instauração de novas formas de abuso e que as aprisiona. Com esta pesquisa, proponho fazer uma análise crítico-reflexiva da web série *Orange is the new black*, exibida pela plataforma Netflix. A web série é ambientada em uma penitenciária feminina e possui sua gênese baseada em uma autobiografia feminina de mesmo título, assim como também é pelo viés criativo de uma mulher que a série foi roteirizada, possuindo ainda em seu elenco uma parcela majoritária de atrizes das mais variadas etnias e orientação sexual, contando inclusive com uma atriz transexual. A metodologia a ser utilizada trata-se de análise qualitativa de material texto-audiovisual. A fim de realizar um recorte específico, foi escolhida a quarta temporada como objeto de pesquisa, pois ela evidencia as opressões de modo mais violento. Esta pesquisa visa compreender como as situações enfrentadas pelas personagens dentro da prisão podem representar as opressões falocêntricas vividas pelas mulheres fora dela, em um processo de encarceramento simbólico presente nas estruturas sociais e em diferentes níveis. Busca-se também comparar os modos de resistência à dominação masculina no âmbito social, possivelmente, representado na web série. A inserção no Laboratório de Audiovisual justifica-se pela possibilidade de realizar um levantamento de fontes sob a perspectiva feminista que contribuam para a análise desta obra. Espera-se, portanto, que as questões levantadas pela pesquisa contribuam para o debate a respeito das formas de resistência ao sistema falocêntrico na contemporaneidade.

*Palavras-chave:* Feminismo. Falocentrismo. Audiovisual.

## INTRODUÇÃO

Nascidas em uma sociedade patriarcal e dominada pelo falocentrismo, as mulheres vivem diariamente o desafio de resistir às mais variadas formas de opressão. Para Lacan, o falo é um conceito linguístico onde o discurso é falocêntrico. Nesse sentido, “ter um falo significaria estar no centro do discurso, gerar significado, ter o domínio da linguagem, controlar e não conformar-se a aquilo que provém de fora, do Outro”. Contudo, as teorias feministas acreditam que “devemos alterar o falocentrismo do discurso a fim de alterar a sorte das mulheres na sociedade” (GALLOP, 2001, p.280).

O poder simbólico (BOURDIEU, 1989) do falocentrismo age silenciosamente e instaura o encarceramento destas mulheres em padrões dominadores nos mais variados níveis das estruturas sociais. Por falocentrismo compreendemos como o culto ao falo, que coloca a figura masculina como centro da obediência feminina e, por isso, a quem se deve ser submissa. Bourdieu (1989) define o poder simbólico como “esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (p. 7).

O conceito de poder simbólico defendido por Bourdieu desdobra-se no que ele chama de violência simbólica, presente na submissão imposta às mulheres e que alimenta uma relação baseada na dominação masculina. Ainda que seja uma relação histórica, cultural e linguisticamente

construída, é constantemente reafirmada e naturalizada, levando as mulheres a enraizar a dominação de tal forma que estas, ainda que percebam a posição de inferioridade a que foram submetidas, aceitam a condição imposta. O poder simbólico do falocentrismo se manifesta na língua, na arte, na religião, na educação, se edificando e fortalecendo a ideia da construída superioridade masculina.

Perceber-se como prisioneira de tais amarras é algo doloroso e que necessita de constante análise e reflexão sobre as diferentes opressões que nos rodeiam, no intuito de compreender como foi possível construir um sistema que prende, condena e pune as mulheres pela sua existência, jamais permitida ser verdadeiramente vivida com real igualdade de direitos.

### **REPRESENTAÇÃO FEMININA NA WEBSÉRIE ORANGE IS THE NEW BLACK**

Desde a representação cristã da figura feminina como devedora de gratidão à costela masculina pela sua existência, passando pela condição de portadora do pecado, até ter sua sexualidade reprimida, sua intelectualidade apagada da história e a posição obrigatória de matriz geradora perpetuada, a mulher sempre foi colocada muitos degraus abaixo do lugar que o homem tomou para si, sem permitir sequer questionamentos.

Na trajetória audiovisual das webséries, já foram representados por diversas vezes os desafios enfrentados pelas mulheres dentro dessa estrutura social opressora, que opera incessantemente pela instauração de novas formas de abuso.

A cultura da mídia põe à disposição imagens e figuras com as quais seu público possa identificar-se, imitando-as. Portanto, ela exerce importantes efeitos socializantes e culturais por meio de seus modelos de papéis, sexo e por meio das várias “posições de sujeitos” que valorizam certas formas de comportamento e modo de ser enquanto desvalorizam e denigrem outros tipos (KELLNER, 2001, p. 307).

O uso de uma plataforma digital de largo alcance, como a Netflix, possibilita a difusão de conteúdos diversos, ainda que muitas vezes a manipulação de ideias e opiniões também seja um objetivo presente nessas novas mídias. No entanto, não se pode negar que elas estão, ao longo da última década, abrindo uma brecha no mercado audiovisual com a produção de conteúdo relacionado a temas que, em outra época, não haveria visibilidade, principalmente quando realizadas por produtoras independentes.

Dentre as inúmeras produções audiovisuais disponíveis na plataforma digital Netflix, a websérie *Orange is the new black* foi selecionada como objeto de análise, dada a possibilidade de examinar em sua estrutura, desde a gênese que fomentou sua criação, a variedade de assuntos relevantes para serem discutidos. Baseada na autobiografia de Piper Kerman, a série é roteirizada, dirigida e protagonizada por um número majoritário de profissionais femininas de diferentes raças,

orientação sexual, personalidades, crenças, com diversidade de corpos e em papéis igualmente variados, que fogem dos estereótipos existentes em muitas produções. As poucas personagens interpretadas por figuras masculinas, no entanto, estão sempre participando de relações de poder minuciosamente roteirizadas para mostrar que naquele ambiente, assim como nas sociedades tradicionais, a presença masculina sempre é destacada como uma posição dominadora.

Alves & Almeida (2015, p. 27) afirmam que “se entendemos que a representação das mulheres nas séries estudadas é parte de um processo de construção social, observamos que isso passa pelo engendramento/reconhecimento de identidades. Nesse caso, as identidades plurais femininas.” Podemos perceber que a representação dessas mulheres na websérie não corresponde aos padrões estereotipados presentes no imaginário coletivo, e ainda em grande percentual, em produções audiovisuais, sejam elas seriadas ou fílmicas. Nota-se uma pluralidade de subjetividades e corpos, com etnias, crenças, personalidades e sexualidades variadas, no intuito de representar com igual diversidade as mulheres que de fato existem no sistema prisional e na sociedade de um modo geral. Por conta disto, podemos supor que não há uma única protagonista, sim um conjunto de mulheres plurais que protagonizam juntas esta narrativa. São negras, latinas, idosas, lésbicas, transgêneras que resistem ao domínio masculino e suas infinitas formas de opressão.

Uma característica notória é a força e coragem destas mulheres para enfrentar sistema punitivo e injusto em que estão inseridas. Ainda que tenham cometido crimes ou estivessem envolvidas em questões ilegais, estando presas justamente por isso, na série estas mulheres se revelam defensoras de si e, através dos laços que são estabelecidos por afinidades, defendem também aquelas que lhes são familiares. Além da formação desses guetos raciais, étnicos e etários, através do isolamento, da loucura, do sexo e do apego à religiosidade, elas buscam resistir a cada situação opressora que lhes impõem. Curiosamente, mas não despropositadamente, por diversas vezes a posição autoritária das figuras masculinas é contestada, como se houvesse ali a intenção de inverter papéis na intenção de interpelar a estrutura vigente, usando-a contra aqueles que dela se serve.

Ainda que seja baseada na autobiografia de uma mulher branca e elitista que foi condenada por lavagem de dinheiro e associação ao tráfico de drogas, a websérie não se limita a desenrolar seu enredo focado apenas nisso. Ambientada em uma penitenciária feminina nos Estados Unidos, a história aborda a vida das detentas a partir de temas sensíveis como misoginia, aborto, racismo, intolerância religiosa, LGBTfobia, cultura do estupro, abandono de paternidade, abuso de poder, inoperância do sistema judiciário e penitenciário feminino, entre outros assuntos que foram, durante muito tempo, evitados pela mídia tradicional. Sob o estilo dramático pincelado pela leveza da comédia, a websérie *Orange is the new black* faz uso da linguagem audiovisual como ferramenta de

conscientização a respeito desses temas presentes tanto dentro quanto fora de uma penitenciária, assim como aborda sutilmente a atuação do feminismo na promoção do empoderamento das mulheres.

No presídio feminino de *Orange is the new black*, as problemáticas sociais, culturais, raciais e de gênero se desenvolvem, então, em torno destas novas protagonistas: reais, acessíveis, imperfeitas, contraditórias, próximas do espectador. Novos caminhos são traçados, o feminino ganha força e o masculino não se perde em suas tradicionais determinações de autoridade. Outras configurações de gênero se apresentam e apontam para uma diluição das fronteiras dicotômicas que aprisionam subjetividades em padrões de comportamento pré-determinados. *Orange* é uma outra narrativa, em um formato midiático inovador e, conjugando uma coisa e outra, dela pode despontar novas perspectivas de gênero no imaginário televisual (MONTORO; DALA SENTA, 2015, p. 78).

Desse modo, o público feminino sente-se cada vez mais confortável em visualizar um cenário que é, ao mesmo tempo, audacioso e atribulado, por se identificar com as problemáticas expostas na web série. Analisando a gênese do livro que deu origem a websérie, entendemos que a transposição de obras literárias para adaptações fílmicas gera uma cadeia quase infinita de referências a outros textos. Talvez o ponto mais relevante diante dessas interpretações diversas sobre a história original no livro, seja o uso conciso na abordagem de várias problemáticas ocorridas no ambiente prisional. Contudo, os produtos do sistema capitalista que alimentam a Indústria Cultural não são fabricados apenas no intuito de oferecer um gama de discursos ao público ávido por representatividade.

O entretenimento e os elementos da indústria cultural já existiam muito tempo antes dela. Agora, são tirados do alto e nivelados à altura dos tempos atuais. A indústria cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido a diversão de suas ingenuidades inoportunas e de ter aperfeiçoado o feitio das mercadorias (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 63-64).

O entendimento sobre a existência desse nicho no mercado audiovisual despertou na plataforma Netflix o interesse em produzir algo que atendesse a crescente demanda diante de uma geração muito mais informada e politizada. Com isso, não somente esta série obteve grande êxito, como outras que seguem a mesma disposição em fugir do óbvio e atender as expectativas de seus respectivos públicos.

## **METODOLOGIA E PRÁTICAS DE LABORATÓRIO AUDIOVISUAL**

Justificando-se pela possibilidade de realizar um levantamento de fontes audiovisuais sob a perspectiva feminista que contribuam para a análise da websérie *Orange is the new black*, a escolha do Laboratório Audiovisual alia-se a metodologia mais adequada na realização desta análise e, por isso, escolhida, tratando-se da Análise qualitativa de material texto-audiovisual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar uma análise crítico-reflexiva sobre o conteúdo da série, com enfoque nas opressões falocêntricas sofridas pelas personagens e que também são vividas por mulheres comuns do nosso cotidiano, torna-se um amplo espectro de discussão que contribui significativamente para o campo da crítica cultural. Espera-se, portanto, que as questões levantadas pela pesquisa contribuam para o debate a respeito das formas de resistência ao sistema falocêntrico na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: *Dialética do Esclarecimento*. Alemanha, 1947.
- ALMEIDA, A.; ALVES, I. *Mulheres em seriados: configurações*. Salvador: Edufba, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- GALLOP, Jane. Além do falo. *Cadernos Pagu*, n. 16, p. 267-287, 2001.
- KELLNER, D. *A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. Bauru/SP: EDUSC, 2001.